

Tempo presente e fascismos: uma questão de método¹.

Francisco Carlos Teixeira Da Silva¹

Resumo: o artigo propõe uma abordagem metodológica para compreender os fascismos a partir da História do Tempo Presente, circunscrevendo conceitualmente os fascismos históricos, mas como fenômeno é passível de ressurgir em diferentes contextos históricos, tal qual um trauma coletivo esquecido que retorna ao presente sob a forma de recalques. Assim, são analisadas a crise das democracias liberais-representativas, o negacionismo, o discurso de ódio e a mobilização política contemporânea, relacionando-os aos fascismos históricos por meio dos chamados “enlaces” entre presente e passado. Destaca ainda a importância da memória, da crítica ao apagamento histórico e do enfrentamento do negacionismo. Assim, a História do Tempo Presente é apresentada como um método que articula diferentes temporalidades para interpretar permanências, transformações e ressurgências do fascismo na atualidade.

Palavras-chave: Fascismo; Extrema-Direita; História do Tempo Presente; Democracia liberal.

Present time and fascisms: a question of method.

Abstract: the article proposes a methodological approach to understanding fascisms through the lens of the History of the Present Time; while it conceptually delimits historical fascisms, it recognizes that fascism—as a phenomenon—is capable of re-emerging in different historical contexts, much like a forgotten collective trauma returning to the present in the form of repressed elements. Thus, the study analyzes the crisis of liberal-representative democracies, denialism, hate speech, and contemporary political mobilization, linking them to historical fascisms through the so-called “connections” between past and present. It also highlights the importance of memory, the critique of historical erasure, and the need to confront denialism. Consequently, the History of the

¹ Francisco Carlos Teixeira Da Silva, Rio de Janeiro, 1954, é, por concurso público, Professor Titular de História Moderna e Contemporânea/PEPI/UFRJ; Professor Titular de Teoria Social/UFJF; Professor Titular de História Agrária/UFRRJ; e, por aclamação dos pares, Professor Emérito da Eceme e Doutor Honoris Causa/UFS. Fundador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/Tempo/UFRJ.

Present Time is presented as a method that articulates different temporalities to interpret the continuities, transformations, and resurgences of fascism in the contemporary era.

Keywords: Fascism; Far-right; History of the Present Time; Liberal Democracy.

"C'est tal la force de solidarité des époques que les liens d'intelligibilité entre elles se teissent véritablement dans les deux sens."

Marc Bloch, "Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien", 1940/1943.

Os processos eleitorais em curso entre 2025 e 2026 em todo o mundo apontam para uma realidade extremamente negativa para as democracias de tipo liberal-representativo, os movimentos sociais e as formas sociais e políticas progressistas. Tornou-se quase um consenso a existência de uma "maré" ou "vaga" de Extrema-Direita avançando em todo o mundo. Não se trata, como nos anos de 1980, de governos conservadores, como Thatcher (1979-1990), no Reino Unido, ou Reagan (1981-1989), nos Estados Unidos. Naquele momento tratava-se fundamentalmente de uma aliança liberal-conservadora – liberal em economia e conservadora na pauta de costumes e desenvolvimento humano. Então, sob a hegemonia conservadora, malgrado o papel de desconstrução do Estado de Bem-Estar Social e de impor um "Estado Mínimo", guardava-se um amplo respeito pelas formas institucionais vigentes – como o papel e integridade do sistema eleitoral, a separação de poderes, a autonomia da Justiça e as limitações do poder executivo do Estado. Em nossos dias, embora disputando eleições, as forças da Extrema-Direita não se detêm no esforço de minar, corromper e, mesmo, derrubar as formas institucionais existentes, para isso recorrendo inclusive a Golpes de Estado, como o 6 de janeiro de 2021, nos Estados Unidos, e o 8 de janeiro de 2023, no Brasil^{II}.

Assim, segunda década do século XXI se encerra tendo como uma de suas características básicas o retorno das "Direitas" e em especial das "Direitas Extremistas", ditas Extrema-Direita ou mesmo (neo)fascismo ao cenário político mundial. A mobilização permanente das massas e a disseminação do discurso do ódio, em especial nas redes digitais sob a forma de uma "novilíngua" – por vezes beirando a dissonância cognitiva –, e colocando em questionamento o agir político democrático, por todo o Mundo. Tais forças extremistas tornaram-se em um ator político relevante em países como França, Espanha, Itália, Chile, Argentina e Alemanha^{III}. Na maioria das vezes buscou-se um "Outro" conveniente como alvo do ódio coletivo, um elemento aglutinador de massas capaz de mobilizar multidões. Em vez do "judeu", real e imaginário do Holocausto, desta feita o "Outro", o "judeu" atual da Extrema-Direita configurou-se na pessoa dos imigrantes de cor, quase sempre muçulmano, árabe ou saheliano – Centro da África – e, ainda, um pretenso narcoterrorista – latino, falante de espanhol – apto aos objetivos repressivos das forças policiais e frequente nos filmes e séries de TV norte-americanas e seus tipos característicos performados como Danny Trejo.

Enquanto na década de 1980, e anos seguintes, a hegemonia política era exercida por lideranças oriundas dos quadros mais conservadores da sociedade, hoje a hegemonia

no bloco da Extrema-Direita sofreu uma deriva em direção às forças mais extremistas do espectro das Direitas. De clara natureza negacionista – no campo da política, da História, dos assuntos de saúde e de sanitarismo – esta deriva extremista buscou inspiração, por vezes até filiação, nos movimentos fascistas dos anos de 1920^{IV}. Por vezes, as teses fundamentais do neofascismo – tais como a corrupção generalizada do Estado de Direito, a impotência perante o crime organizado, a “invasão e “substituição” das populações brancas por povos ditos “de cor” e anticristãos, a superioridade da “raça” branca, a rediviva ameaça comunista, a natureza doentia e preguiçosa dos grupos sociais subalternos, o culto a um personagem que performa um liderança antissistema – como “Führer”, “Duce”, “Conductor” ou “Mito” – tornaram-se dominantes, o que nos permite, pois, falar em uma “ressurgência” da pauta fascista^V.

Devemos, pois, considerar o fenômeno fascista, e sua ressurgência atual, de um ponto de vista fenomenológico, abandonando o historicismo reducionista que impregna o campo de estudos e que Henri Berr e Lucien Febvre denominaram como “História historicizante”^{VI}, contra a qual Marc Bloch propôs a “História-Problema”^{VII}. Ou seja, buscar a vivência das pessoas estudando o cotidiano e a recepção dos movimentos extremistas por aqueles mesmos que o vivem. Para além dos discursos e marchas gigantescas e seus monumentos, devemos ir ao cotidiano dos fascismos e, então, buscar as regularidades, e as singularidades, que caracterizam o movimento fascista na sua dimensão transhistórica – o que quer dizer, aqui, sua capacidade de ressurgências no Tempo Presente. Para a organização e síntese dos eventos cabe o recurso, face a face à empiria, a um *constructo*, um modelo geral que informe conceitualmente, e de forma mediana, os dados empíricos. E entendemos o “mediano” como o geral, comum, sem erguer um caso histórico – o nacional-socialismo, por exemplo – como paradigma. O *constructo* teórico fascista – por exemplo, como Paxton propõe^{VIII} – nunca se encontra empiricamente, na realidade concreta. Seu papel é de informar a pesquisa empírica e a tão desejada “síntese histórica”^{IX}. Esta, por sua vez, não deve ser tomada como “o” fascismo. Os casos concretos são um conjunto de dados que são organizados pelos pesquisadores em face do *constructo* previamente adotado. Assim, o conceito de fascismo é maior, e ao mesmo tempo é abstrato, para além da realidade estudada. A escolha de um caso empírico como paradigma – seja o fascismo italiano ou seja nacional-socialismo alemão – é um equívoco no necessário tratamento do diálogo entre teoria e pesquisa empírica. O modelo fascista, o *constructo* – ao contrário do fascismo como realidade histórica, aquilo que ocorre no tempo^X –, deve ser, necessariamente, “ahistórico”, ou transhistórico, ou seja, independente em relação à realidade concreta, possuindo características atemporais e internacionais, visando permitir as possibilidades diversas de sua ocorrência^{XI}.

Assim, teríamos dois grandes momentos, ou vagas, de fascismo – como temos, ao longo da História “vagas” de ressurgência do pensamento liberal ou do pensamento socialista. A primeira “vaga”, entre 1919, no pós-Grande Guerra, dura até 1945. Compreenderia os movimentos, partidos e regimes que existiram concretamente como fascismos e denominamos de “fascismos históricos”. Tal como os socialismos e ou o liberalismo, os fascismos, de ontem e de hoje, tem uma coesão doutrinal reunindo de formas hierarquicamente diversas antiliberalismo, antimarxismo, imperialismo,

nacionalismo, racismo, o culto à personalidade – denominado de “*Führerprinzip*” –, negação do Outro e substituição da tese da luta de classes na História por um conflito racial constante – como no nacional-socialista – ou pelo enfrentamento entre “nações proletárias” e “nações plutocráticas” – como propunha Mussolini –, e, fundamental, uso de uma “novilíngua” que aponta para uma dissonância cognitiva em face da realidade. Em suas manifestações concretas poderá, ou não, apresentar todas as características acima ou um elenco de características que definam um “*minimum fascist*” – o que é ou não fascismo conforme a ocorrência de um número tal de características que dialogue com o *constructo* abstrato. Não se trata de estabelecer, como é comum na literatura mais corriqueira ou na mídia – qual o “pior” ou o “menos pior” das formas fascistas.

Por exemplo, podemos ter um regime que reúna antiliberalismo, antimarxismo, negação do Outro e nacionalismo, como no caso do Portugal e Espanha sob Salazar e Franco, mantendo-se, portanto, no campo dos fascismos. Os casos concretos estão aquém do *constructo* teórico “fascismos” que deve, exatamente, por seu caráter teórico ser mais amplo que a realidade histórica. Assim, indo além do historicismo na explicação dos fascismos – como na sucessão teológica formada pela derrota na Grande Guerra (1914-1918) + Tratado de Versalhes (1919) + Grande Depressão (1929) = a nacional-socialismo (1933) – podemos localizar formas, movimentos e partidos fascistas antes de 1933 e fora da Europa, como no caso do “*Tennōsei fashizumu*” ou “*emperor-system fascist*” ou o partido “*Tōhkyō*”, no Japão antes de 1945 ou, ainda, o Partido Popular Republicano, na Turquia.

A primeira “vaga” fascista se encerra em 1945, quando as formas socialismo e liberalismo se encontram no auge de sua popularidade e os fascismos tornam-se uma questão judicial. No entanto, por razões várias – nova unidade das Direitas, agora sob hegemonia extremista; erros e falhas do sistema de educação; negacionismo como política formal e aumento do ressentimento das camadas sociais médias em face da gigantesca acumulação capitalística à época da grande tecnologia em rede – os fascismos, que se mantiveram entre 1945 e 2008 em forma larval, eclodem em fortes movimentos de ressurgência depois da Crise Mundial de 2008, viabilizando-se como um projeto real de Estado. Os Estados Unidos com a Administração Trump, entre 2017 e 2021, e o Governo Bolsonaro, entre 2019 e 2023, são os exemplos mais potentes de tal processo de ressurgência fascista e de alternativa viável de poder na Extrema-Direita. Por fim, em fase das duas “vagas” de fascismo, devemos ter em mente que o fascismo, historicamente, não se instala no poder “*repentino itinere*”, sem uma longa luta^{xii}. Este processo de apossamento e ocupação das instituições do Estado, destruição das formas liberal-representativas e de luta contra a sociedade civil organizada, implica no chamado “processo de fascistização”. Este, por sua vez, quando desencadeado – como no Caso Bolsonaro – não implica na sua súbita vitória. Poderá, ou não, alcançar seus objetivos ora colaborando com as forças conservadoras da sociedade – igrejas, agronegócio, novos grupos empresariais, como as “*Big Techs*” – ou lutando contra eles, tentando hegemonizar todo o espectro das Direitas na díade Esquerda/Direita^{xiii}.

Assim, a chamada “ressurgência fascista”, com inspiração nos regimes fascistas históricos dos anos entre 1922 e 1945, provoca a impressão de que o “século XX não passa”,

ameaçando repetir-se em nossos dias. Agora, nos meios políticos e acadêmicos, retomamos a discussão central sobre os fascismos históricos percebendo que mesmo com o fim da guerra em 1945 e da Guerra Fria em 1989-1991, as condições de sua reprodução/regeneração permaneceram presentes. Em especial no caso do Brasil, onde a natureza brutal da Ditadura Civil-Militar de 1964-1985 estava consensuada em vários âmbitos de debate, a campanha eleitoral e a vitória de Jair Bolsonaro (2019-2023) – e seu afã negacionista, em especial o negacionismo histórico, e o intento do ecossistema fascista em fazer “*lawfare*” contra pesquisadores e jornalistas – impôs, mais uma vez, o debate sobre a natureza das ditaduras e dos fascismos, bem como dos sequestros, da tortura e da ocultação de cadáveres de resistentes democráticos. Todo esse clima negacionista refletiu-se não só no debate acadêmico do Tempo Presente, como ainda em canções, incluindo samba-enredos, filmes, peças teatrais e exposições museológicas.

Tais movimentos extremistas se consolidam, lançam mão dos meios do próprio sistema político liberal-representativo, conquistam adesões no *mainstream* – como junto a diversas Igrejas, com o empresariado, em especial os meios financeiros, entre militares saudosos de seu domínio sobre a política e arrebanham as forças conservadoras tradicionais. Um novo arranjo político – diverso do bloco histórico do século XX – agora composto pelo grande capital financeiro, as “*Bigs Techs*” e a renovada indústria de energia – em suas diversas formas – e de armas buscam o monopólio do poder. Com tal configuração são reconhecidos como atores legítimos pelo próprio sistema liberal-representativo, muitas vezes assumindo funções de Estado, como foi o caso no Brasil, Estados Unidos e na Itália. Assim, personagens oriundos de tais meios, ora como lideranças individuais – como Elon Musk, Donald Trump, Luciano Hulk, Luciano Hang, Jeff Bezos, Mark Zuckerberg – ora como lobbies de forte papel no político, como o Fórum Econômico Mundial ou empresas, como a JBS, Google ou Meta. Por vezes, tais entidades e indivíduos – fradulentamente autodenominados como “libertários”^{xiv} – acabam por assumir a própria liderança política, dispensando o “pessoal político do capital” ou negociando em nome de países. A ideia de uma governança mundial exercida por colegiados multinacionais como a ONU, OMC, FAO, Banco Mundial, FMI etc. – entra em colapso irrompendo múltiplas guerras e, com este colapso, a doutrina de uma ordem mundial de caráter multilateral caduca.

A compreensão da atual crise mundial da democracia-liberal e do progressismo – como é o caso da ascensão das forças conservadores, e mesmo de Extrema Direita, na América do Sul, como se deu na Argentina, Chile, Equador, Colômbia e Peru – implica num permanente diálogo presente-passado através dos enlaces, como propõe François Bédarida, entre os fascismos históricos e a atual ressurgência fascista^{xv}. Sem tal jogo de espelhos, entre 1922 e 1945 e agora a partir da Crise Mundial de 2008, o conceito de fascismos – no plural, abarcando o conjunto dos fenômenos de Extrema-Direita dos anos de 1922-1945 – tornar-se-ia tão somente “histórico”, tal como foi o caso de “Absolutismo Monárquico” ou “Despotismo Esclarecido”. Ora, o espelhamento de nossos dias no fenômeno fascista histórico – reivindicado por inúmeros movimentos políticos atuais, ditos “neo”, “para” ou mesmo “pós” fascista implica num diálogo, como preconizava Marc Bloch – enlace, link ou conexão – ativa entre o presente e o passado.

Por isso, a história e o historiador do Tempo Presente não trabalham com uma periodização fixa, um tempo único “em seta”, mas sim com as variadas formas de construção da sensibilidade e dos mecanismos de recepção e percepção do passado para compreender a noção de tempo, relacionado com seu objeto de investigação.

No início dos anos 1990 René Remond afirmava, de forma pioneira, que era irreversível a inserção da História do Tempo Presente como um campo disciplinar novo das ciências humanas. Naturalmente, essa afirmação não foi *ex nihilo*. Um longo caminho intelectual e institucional foi trilhado para que esse campo teórico pudesse ter a validade acadêmica que hoje possui, enfrentando o tradicional conservadorismo acadêmico.

Frente à força da pioneira e consolidada *Zeitgeschichte* e a *Contemporary History*, a História do Tempo Presente era, então, apenas a pretensão de um pequeno grupo de historiadores franceses e alemães em rebeldia contra as “tradições institucionais”. Tais historiadores, já se encontravam demasiadamente incomodados com a (não) leitura do difícil passado recente de seus países e pela construção, por exemplo, de um mítica “França Resistente” ou de uma “Alemanha vítima” do nacional-socialismo. A narrativa altamente ideológica sobre uma sociedade dominada pelo Estado, que oprime e vigia, e que foi tão vítima como as vítimas do Holocausto, além de não lidar com os fatos históricos e suas fontes – por exemplo, a adesão popular francesa ao Regime de Vichy ou a popularidade do Partido Nazista, de seu desempenho eleitoral e, claro, o culto à personalidade de Hitler – aparece como um guarda-sol perante às responsabilidades dos partidos políticos, do empresariado, das forças armadas e das igrejas durante o processo de fascistização. Tudo isso sob uma forte pátina de “esquecimento”, “apagamento” e, mesmo, de negação.

Foi assim que François Bédarida entendeu que entre seus contemporâneos ainda permeava uma forte presença do pensamento historiográfico do século XIX, evolucionista, linear e compartimentado. Da mesma forma, considerava que este já não seria suficiente para dar conta das demandas oriundas das diversas experiências históricas vividas no século XX em intenso sofrimento, que através de formas coletivas de “esquecimento”, e daí ao “apagamento” e, por fim, ao desavergonhamento da forma acabada de negação, o negacionismo político e estatal, transformar-se-ia, via seus recalques, em trauma histórico^{XVI}.

Num primeiro momento dá-se o “esquecimento”, uma forma individual de lidar com o sofrimento e o luto decorrente da experiência traumática. O esquecimento é uma fuga espontânea e individual perante o sofrimento. Freud o considerava um ato psíquico intencional e ativo do inconsciente para lidar com o sofrimento, cuja presença gera o recalque e as lembranças encobridoras, reais ou fantasiosas, sob a forma de sintoma. O esquecimento, no entanto, pode atingir grupos sociais e profissionais, encobrendo eventos vividos em comum que passam, então, trabalhada no inconsciente, a surgir como “apagamento”, que pode ser o completo silêncio ou uma versão edulcorada do passado, mais fácil de ser aceita^{XVII}. Desde logo Judith Butler afirma que o esquecimento tem uma relação dialética com o poder. É este que determina seletivamente quais histórias e quais corpos são/serão lembrados e quais são ativamente apagados da nossa realidade, marcando a ação do poder sobre díade esquecimento-apagamento^{XVIII}. O principal ponto

de intersecção entre as condições de luto/trauma/apagamento, para nós nas ciências sociais, é a imbricação socialmente informada que ocorre sobre quem tem o direito de ser pranteado e lembrado e quais as vidas e os corpos que são socialmente descartados, "esquecidos" e "apagados". Em muitos casos, como assinala Jean-Paul Sartre o "esquecimento" é puro produto da "má-fé", entendida como os casos em que o esquecimento e o ato de esquecer é um ato de "esquecer convenientemente" as escolhas que fizemos ou as responsabilidades que temos para escapar da angústia da liberdade. O indivíduo, em tal situação, finge esquecer que é o único autor de seu próprio destino para colocar a culpa nas circunstâncias ou num Outro convenientemente escolhido^{xix}.

O contrário do "esquecimento-apagamento" é a tríade proposta, já em 1914, por Freud: "Recordar, Repetir e (per)Elaborar" (*Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*), ou seja, não basta penetrar nas opacidades produzidas pelo "esquecimento-apagamento" munidos com a memória, é preciso trabalhar as próprias origens do sofrimento. Então nos cabe ler a forma – "*Arbeiten*"/trabalhar – como o sujeito e grupos sociais reelaboram o que era opacidade – "*Durch*"/através de/por – para superar o que distorce e fantasia o seu próprio passado – envolto numa versão da história aceitável em face do sofrimento – e que acalme os sentimentos de culpa e vergonha. Essa névoa da História é um processo social amplo, amparado em atos, narrativas, monumentos e outros vestígios históricos que engrandecem uma história que permanece noturna de corpos que foram escravizados, torturados, mortos e, então, esquecidos^{xx}. Temos, nós mesmos os brasileiros, na História ufanista e heroicizante do "bandeirantismo" dos séculos XVII e XVIII um exemplo perfeito e trágico da escolha da "má-fé", pelas elites e consagrado pelo Estado, de corpos [de indígenas, de escravizados] descartados e apagados da História^{xxi}.

Enquanto o esquecimento é individual, o apagamento é sempre coletivo, de grupo e abarca uma comunidade – família, escola, grupo étnico etc. –. Por fim, quando forças políticas, ou mesmo o Estado, intervêm no processo de esquecimento-apagamento estabelecendo uma narrativa oficial, por vezes imposta pela força para além da propaganda, estamos de face ao negacionismo, sempre tensionado e em dissonância com a realidade^{xxii}. A busca de uma narrativa coesa e eficiente implica em reordenar a própria ordem das coisas no universo, espalhando a negacionismo desde a medicina até a mecânica celeste. Como o sofrimento não é extinto, apenas recalcado, este retorna como força massiva de aglutinação política. Trata-se de aceitar o sofrimento vivido como trauma – a derrota na guerra, a fome, as perdas coletivas impostas pelos outros, o governo "comunista", ateu e corrupto, a Israel como povo cristão, ou seja, um deslocamento da realidade – negando as origens do próprio processo traumático e sua realidade histórica, sua natureza e impacto, colocando um Outro conveniente como responsável, o estranho ao coletivo e irreconhecível como igual, como o judeu, os Roma & Sinti, homossexuais ou absentista do trabalho, entre muitas outras categorias de "estranhos" votados ao papel de "*bouc émissaire*" – o bode oferecido em "*holokaustós*" sacrificial para a salvação/purificação da comunidade de todo o mal que o grupo sofre. Daí a recorrência, na *novilíngua* dos fascismos, dos termos como "esterilização", "sanear", "limpar" e "descontaminar", as comparações com ratos e insetos, como referência ao Outro. Nesses casos, a negação serve como um "certificado de origem" de um conteúdo reprimido. É a

maneira pela qual, por exemplo, para Sándor Ferenczi, a consciência acede ao passado, que de outra forma, ficaria totalmente recalçado no inconsciente, e transformando, assim, eventos traumáticos em verdadeiros “pactos sociais de silêncio”^{xxiii}

Tratava-se, pois, das experiências de guerra, das crises econômicas e da fome, das pandemias, dos genocídios e da repressão às lutas anticoloniais do século XX, em especial os seus horrores – como a política oficial de tortura. Claro que, neste rol de eventos-limites, estavam as ditaduras, militares ou não, e o fascismo. Bédarida tampouco acreditava que estudar, em profundidade, o presente faria da história “um jornalismo culto”, como alguns desavisados, desconhecedores da literatura específica, a miúdo criticam. Seguindo os passos de Henri Berr e de Marc Bloch, aluno e discípulo de Berr, Bédarida retomava as conexões presente-passado e os fluxos e refluxos entre os diversos tempos da História. Há, assim, algo mais profundo, combinando um campo do saber e um método de pesquisa, que dá a História do Tempo Presente seu rigoroso estatuto acadêmico.

As diferenças entre jornalismo, o melhor que ele seja, e a História do Tempo Presente reside na aplicação rigorosa do método histórico na construção explicativa da relação presente-passado, o eixo constitutivo do campo de pesquisas. O entendimento das estruturas de longa duração e do seu peso sobre as práticas sociais, políticas e mentais do presente – os chamados enlacs, ou seja, os procedimentos metodológicos que garantem a permanência no campo da História. Tais procedimentos supõem uma percepção histórica acurada, um mergulho em profundidade, erudição, fontes diversas e validadas na análise dos processos históricos de longa duração e, então, um retorno ao presente que se enlaça – conecta/imbrica – com a longa duração.

Neste sentido, por melhor que seja o jornalismo – e temos grandes nomes com capacidade de análises esclarecedoras e que podem ajudar em muito aos historiadores –, escapa ao jornalismo a identificação e análise das “forças profundas”, no dizer de Pierre Renouvin, que moldam, na longa duração, os próprios processos de configuração do “*Jetztzeit*” – do aqui e agora, o “tempo-agora”, como proposto por Walter Benjamin^{xxiv}. É exatamente através do “*Jetztzeit*” que Benjamin opõe-se ao conceito de tempo vazio, cronométrico e contínuo da história oficial, em especial no historicismo. Em vez de ver o tempo como uma linha reta única e previsível, o tempo em flecha como em Vico, ele é concebido como um instante congelado, interrompido e preenchido de tensão. O Tempo Presente não é, assim, apenas um resultado do acúmulo de fatos do passado recente, mas um *topos* onde o historiador, ou o revolucionário, pode “explodir” tal passado e resgatar trajetórias de indivíduos e suas memórias, estratégias de sobrevivência e injustiças esquecidas, apagadas ou negadas, dando-lhes um novo sentido marcado pela urgência. Assim, a camuflagem do sintoma, a forma como se vive o sofrimento oriundo do trauma, pode ser dissolvida, e o processo traumático revivido enquanto exposição límpida e justa do passado^{xxv}. Esse processo Bédarida denomina, já em um título de um livro, de “responsabilidade e crítica” do historiador, procedimentos indispensáveis ao ofício.

Trata-se, pois, de um procedimento de “desfactualização” da História, de eliminar uma visão progressiva-evolucionista e unívoca na compreensão dos processos históricos, permitindo a visão simultânea de “tempos” da História, daquilo que efetivamente já passou e dos eventos que configuram uma História como sendo sempre, nas palavras de

Benedetto Croce, *História Contemporânea*. Por este caminho, já em 1917, Croce estabelecia alguns pontos fundamentais da crítica histórica: (i) toda construção histórica atende a uma questão colocada no presente, como, por exemplo [nosso], no caso da História das Mulheres; (ii) mesmo os fatos mais remotos da História – por exemplo, a etnia/cor predominante no Egito Faraônico, é colocada pelo renascimento dos estudos africanos, de etnicidade e de ancestralidade nos nossos dias; (iii) sem o “*legame*” – enlace/ conexão/link – entre as questões do presente e sua busca no passado, e *note bene*, “presente” e “passado”, não o inverso, a História transformar-se-ia em mera crônica de fatos^{xxvi}. É neste sentido que devemos entender a máxima, sempre citada, que “...toda verdadeira História é sempre História Contemporânea”, explicitando a argumentação central da tese de Croce quando defende que “...a história não é o passado morto ou um mero acervo de documentos arquivados [...] um fato do passado só se torna história quando é revivido, compreendido e ganha sentido a partir de um problema, necessidade ou reflexão do presente, tornando-se assim, contemporâneo de quem o escreve”^{xxvii}. Assim, a relação presente/passado e sua contemporaneidade já estava colocada desde o início do século XX. Cabia, entretanto, evitar dois riscos fundamentais: de um lado, o presenteísmo, o risco de “ler” a História e suas fontes de forma anacrônica, projetando valores – não as dúvidas e as urgências – atuais sobre sociedades passadas e, de outro lado, um etnocentrismo pautado pela relevância das grandes potências ao longo do século XX. Assim, a metodologia proposta por François Bédarida, a partir de enlaces – conexões, “links” – entre temáticas de origens remotas que continuam presentes nas sociedades atuais, emergia como uma solução metodológica bastante adequada. Alguns temas, considerados “quentes” na História, exatamente por ainda preocuparem e causarem danos à condição humana, possuem extrema relevância na relação presente-passado, na compreensão de suas origens, de sua resiliência e, mesmo, de fenômenos denominados de “ressurgência”. Assim, na percepção historicista, a História só acontece uma única vez no tempo e é sempre original e, mesmo o tempo, é sempre um tempo “em seta” cronológico e evolucionista.

Assim é, por exemplo, com a questão do racismo moderno, largamente baseado no trabalho escravizado de homens e mulheres de cor, ao contrário da escravidão antiga, e a marca que a diferença de cor/etnia legou à sociedade contemporânea na forma do racismo, do apartheid e do ódio ao Outro. Assim, um fenômeno do presente – o racismo – se imbrica diretamente com um fenômeno do passado, a escravidão, e, assim, continua vivendo no presente. O mesmo ocorre na relação entre os fascismos históricos, aqueles que foram populares, e mesmo fenômeno de massas, entre o Tratado de Versalhes e o fim da Segunda Guerra Mundial, e os fascismos atuais. Neste caso, partidos, movimentos, lideranças, pautas e agendas por vezes diretamente conectadas ao passado – através de bandeiras, signos, ícones, canções, fardamentos e palavras de ordem –, revivem, e “ressurgem”, em grupos do tipo “*Hammerskin*”, “*Aryan Nation*”, “*Blood Tribe*” ou “*Patriot Front*”, nos Estados Unidos, ou “*Der Dritte Weg*” ou “*Nordic Patriot*”, na Europa. Tais grupos realizam uma apropriação seletiva do passado, falsificam a realidade, praticam um novilíngua que dissoa da realidade e nada comunica, e transformam as derrotas – Stalingrado, Normandia, Berlim – em atos heróicos, em exemplos de persistência e

abnegação até a morte. Aliás, a própria morte é assumida como a pulsão que mantém o (neo)fascismo vivo e sedutor. São caveiras, “*Totenkopf*”, punhais, braços erguidos, martelos e armas cruzadas os ícones de tais grupos, mas também de forças policiais, como a PM e o BOPE, ou a Brigada de Operações Especiais, os chamados Kids Pretos. Neste caso há um diálogo permanente entre o presente e o passado onde a simbologia da pulsão de morte, como nos uniformes dos SS e na Terceira Divisão SS “*Totenkopf*”, com sua simbologia da “caveira”, faz um desafio à morte e, também, um culto à morte heróica. Hoje, o símbolo, e seu culto, são reproduzidos por instituições policiais e militares no âmbito do Estado liberal-representativo, onde as instituições – principalmente as militares – tendem a uma fascistização precoce em relação às demais instituições. No caso das polícias, o monopólio da violência estatal, compartilhado com as Forças Armadas, é usado de forma brutal contra a própria população, como, aliás, é o caráter dos Kids Pretos, como uma instituição voltada contra um pretense “inimigo interno”. Ao contrário de 1922 ou 1933, nos fascismos moleculares e ou institucionais, não se dá uma tomada rápida do poder. Ocorre, em verdade, uma expansão molecular do fascismo que coloniza as instituições do Estado liberal-representativo.

Figura 1: Símbolo da Brigada de Operações Especiais do Exército brasileiro



Fonte: Eagle Patches.

Símbolo da Brigada de Operações Especiais do Exército do Brasil, sobressaindo a caveira atravessada por um punhal. A iconografia de tais forças, incluído o BOPE, explicitam claramente a presença da pulsão de morte e seu campo de figuração semântica. Símbolos, ícones e signos semelhantes – a caveira, ossos cruzados, a caveira com punhal – eram corriqueiros nos fardamentos das tropas SS e Einsatz Gruppen durante o Terceiro Reich. Em especial o punhal – apontando para a dura luta homem-a-homem e a vantagem da surpresa – se traduziu, em 8 de janeiro de 2023, na denominação-código do golpe falhado: “Punhal Verde-Amarelo” como também apareceram no 6 de janeiro de 2021 no Capitólio.

Figura 2: 3rd Waffen-SS Panzer Division "Totenkopf"

Fonte: Afiero, Massimiliano, 2018^{xxviii}.

Por outro lado, temos aqueles fascismos, atuais, que se autodenominam “neo”, “para” ou “pós” fascismos – e aqueles que se negam a reconhecer-se enquanto fascistas, apesar dos seus programas, métodos e tipo de propaganda e de liderança. Assim, enquanto o partido “*Die Heimat*” reivindica uma herança direta do NSDAP, o partido nazista de Hitler, o “*Alternativ für Deutschlands/AfD*”, embora tenha um claro programa fascista, negam qualquer vinculação com o passado alemão. Já na Itália, o partido “*Fratelli d’Italia*” se diz conservador pós-fascista enquanto o “*CasaPound*” (sic) assume claramente a herança de Mussolini^{xxix}.

Ou seja, no ecossistema fascista atual – por vezes nomeados apenas como Extrema-Direita, Populistas de Direita ou Ultranacionalistas – emergem diferenças e formas diferenciadas de como lidar com o terrível passado das ditaduras fascistas, a guerra e o Holocausto. Por vezes, alguns pesquisadores de visão “historicista” buscam a plena repetição do passado no presente, algo impossível, para autorizar utilização do termo “fascista” – algumas vezes diferenciando fascismo e nazismo e criando o conceito pleonástico de “nazifascismo”^{xxx}. A visão historicista, como em Renzo de Felici^{xxxi}, diluí qualquer entendimento teórico da História e nega a possibilidade de identificar estruturas, normatividades, correntes de pensamento ou movimentos que re-elaboram o passado (tais como o pangermanismo, o panamericanismo, o neoliberalismo e os próprios (neo)fascismos, transformando “cada caso num caso” e repelindo quaisquer possibilidades de “ressurgência”, seja do panamericanismo imperialista, por exemplo, retomado pela Administração Trump.

Parafraseando Paul Ricoeur, a exploração do passado através de enlaces com o presente^{xxxii} é uma tentativa de introduzir a dimensão de explicação dos tempos múltiplos, cruzados, onde uma “época” – no sentido do Historismo/Historicismo alemão – como “*Époque*”, “*Alter*” ou “*Age*”, como por exemplo o faz Eric Hobsbawm em suas conhecidas obras – enquanto um conceito-quadro que informa e molda os processos em curso. Seguindo os princípios de Henri Marrou, era necessário localizar o conhecimento histórico no tempo, mas sempre com o foco no presente, que seria o interlocutor direto com o

historiador e seus questionamentos incessantes^{xxxiii}. A partir do tempo presente o historiador/a passaria a ter uma relação dialógica com as várias temporalidades e, então, o presente seria entendido como um grande espaço de experiência. Não há dúvidas de que um fenômeno do presente jamais será compreendido nas mesmas condições de outro já inscrito no passado, em especial do passado longínquo. A isso chamamos de delimitação de inteligibilidade, o que não representa uma questão apenas de “distanciamento” – leia-se de “neutralidade” epistemológica – para os historiadores do presente, mas para todos que exercem o ofício da história. Debates contemporâneos, por exemplo, sobre a invenção múltipla ou difusionista da agricultura ou da natureza das primeiras cidades da História – se resultam da sedentarização agrícola ou foram, muito antes, como as ruínas de Göbekli Tepe nos sugerem, fruto da organização de povos coletores-caçadores já no XI milênio A. C. –, permitem debates tão acalorados, por vezes até passionais, quanto o papel da política de “Apaziguamento” de Melville Chamberlain permitiu o fortalecimento de Adolf Hitler, ou a Guerra do Vietnã perdida pelos Estados Unidos, aferrados ao anticomunismo da Guerra Fria, e, assim, surdos ao conteúdo “nacional” e “anticolonial” da Frente de Libertação Nacional de Ho Chi Minh e seus companheiros de luta. O debate, quanto amparado no rigor do método histórico, aclara e faz avançar os conhecimentos^{xxxiv}. O inaceitável é o negacionismo.

Não há tempo que não limite a sua própria inteligibilidade. Esse reconhecimento dos limites da compreensão histórica, não exclusivo ao presente, colocou François Bédarida, Henry Rousso e os historiadores do Tempo Presente na vanguarda dos debates públicos. No campo da história, cada vez mais permeável à Ciência Política, a Sociologia, a Psicanálise e a Antropologia, a obsessão pelo passado recente tornara a História um campo minado, como explicita o Projeto “Escola sem Partido” debatido nos Governos Temer – um projeto conservador e elitista, de tipo heteronormativo – e Bolsonaro – quando os setores conservadores tradicionais são sobrepassados pelo fascismo^{xxxv}. Não era apenas o lidar com a memória presente da França de Vichy ou a Alemanha de Hitler ou o Brasil sob o Regime Civil-Militar de 1964, mas entender como esse “luto inacabado”, a memória acorrentada pelo “esquecimento/apagamento/negação”, retorna, sistematicamente, para informar o Tempo Presente e mobilizar a sociedade para debater seus próprios temas, por mais desagradáveis que sejam. Antes de lidar diretamente com sofrimento, a história do Tempo Presente, ao resgatar, como uma de suas temáticas nobres a análise dos fascismos e das ditaduras modernas, se debruçou sobre os impactos da Justiça de Transição, as anistias e como as tentativas de “apagamento” operaram na formação desse “luto inacabado” direcionando-se ao negacionismo. Se, a melancolia para Freud era a forma patológica do luto e, neste, o sujeito estaria num exercício de “desligamento progressivo” do objeto da perda, no processo histórico o sujeito se sentiria “deslocado”, idealizando tempos passados, reconstruindo fantasias e mitificando o passado. Assim, o risco reside nos atores da História acabarem por se identificar com o objeto perdido, a ponto de não mais encontrar ou perceber seu próprio *eu*. Isso demonstra o quanto a História do Tempo Presente, ao resgatar, por exemplo, a época dos fascismos e das ditaduras, foi capaz de retomar a discussão do “*eu/indivíduo*”, dessa identidade dissipada em meio a “esquecimentos” construídos pela incapacidade de lidar com o passado vivido

como trauma – exato “*ersatz*” do “luto” no método histórico. Um procedimento necessário, posto então, é a distinção entre o campo do “Tempo Presente” e um conjunto de fatos “recentes”, sucessos “imediatos”, correntes”, o turbilhão de fatos dos jornais diários, que se desenrolam aos nossos olhos – e que Byung Chul Han denominou de “infarto das Info-Highways”^{xxxvi}. Muitas vezes se confunde o “Tempo Presente” com o fluxo extenuante, incontrolável, de informações, de qualidades e origens diversas, como material histórico. Na História do Tempo Presente cabe ao historiador, com seu controle do método, erudição sobre o tema e discernimento decorrente de sua especialização no campo do objeto sobre escrutínio, distinguir dentre o turbilhão de informações incontroláveis de redes de dados, o que são processos que identificam tendências e, assim, mostraram-se portadores de futuro em face do universo que compõe um imenso lixo digital.

Não podemos, pois, confundir o que é estrutural/estruturante, profundo, com fatos que se desenrolam de forma “imediate” e constante, quase presencial, – o conceito de “*surface*” braudeliana da História, um tempo rápido, nervoso, descartável – com a abordagem metodológica rigorosa dos processos estruturantes do Tempo Presente^{xxxvii}.

Ora, tal debate historiográfico, já ocorreu e foi posto para os historiadores de ofício, embora tenha sido, ao que parece, relegado, ou mesmo esquecido, na maior parte das vezes^{xxxviii}. Para grande parte de historiadores – e mesmo para outros profissionais em Ciências Sociais – ao lançarem mão do sintagma “Tempo Presente” acaba-se por transformá-lo em um significante sem significado, ou na melhor de suas escolhas, num significante reduzido a sua expressão mais pobre: a cronologia que aponta para os fatos recentes^{xxxix}. Por tal dificuldade, a História do “Tempo Presente” passa, então, a ser fragmentada, segmentada, “nacionalizada”, perdendo o seu sentido “universal”, no momento exato em que se torna, cada vez mais necessário “uma História Global”.

Tal campo deve ser problematizado em outra direção, como discutido por Marc Bloch, Bédarida, Soulet e Rousso. Implica, com outra denominação/distinção, já amplamente discutida, na definição de História Contemporânea, de “História Imediata”, e História do Tempo Presente, cruzando-se, agora, com as possibilidades da “História das Emoções” ou das “Sensibilidades Públicas” – um território das grandes vertigens^{xl}.

A preocupação com o impactante, “um acontecimento histórico” que envolva todos os indivíduos em sua época e deixe suas marcas permanentes nos grupos sociais, terá suas dimensões apreciadas por todos esses campos. Alessandro Portelli, num estudo exemplar sobre uma comunidade italiana durante a Segunda Guerra Mundial, mostrou como um evento local pode ser apropriado diversamente pelos grupos e sua memória, dividida e antagônica, e as comemorações que daí decorrem, marcam de forma permanente as fronteiras mentais pré-existentes dos grupos sociais. Só não pode ser negado que naquele agosto doloroso reféns italianos foram sumariamente fuzilados pela Wehrmacht. De outra forma seria negacionismo^{xli}.

A Pandemia de Covid-19 terá sua história nos três níveis do tempo: o *imediato* – rápido, nervoso, impressionista –, o das *conjeturas* – de onde emergem as primeiras análises e a compreensibilidade do próprio fenômeno – e o *profundo*, de longa duração, que estrutura os demais e é, por sua vez, formatado pelos anteriores, apontando para as *tendências* de uma época. As “emoções” de cada um são vívidas, e já são história

cotidiana da epidemia – o sofrimento, as histórias do isolamento, a resistência, os números que se transformam tão rapidamente em nomes, a incompetência e o deboche do poder bolsofascista^{xlii}. Os fatos que se sucedem, as análises diárias, por vezes que se contam nas horas, que se confirmam ou contradizem, que formam dossiers e balanços. São elementos históricos, mas, ainda não configura “a” História. No início são “Histórias” fragmentadas, partidas. São os relatos históricos da semana. Do mês. Do ano. Por cidade. Por Região. Por país. Um dia o será do movimento da global da pandemia. No entanto, contém uma provisoriade que não é o provisório de toda a pesquisa científica. É o provisório do *corsi et ricorsi*, do “imediato” aos nossos olhos, da fluidez do acontecimental que se transforma em vagas. Cabe ao historiador, munido do método, organizar e interpretar tudo que flui em tais imensas “Info-highways”, sob o risco – repetindo o filósofo Byung Chul Han – de paralisarmos-nos perante, ainda uma vez, um verdadeiro “infarto” das novas “Highways” de informações que nos chegam^{xliii}.

No “Tempo Presente” toda fluidez é também parte e forma de um movimento mais largo, contínuo e lento, que se estrutura em camadas: as tochas da marcha neonazista da cidade de Dortmund em 2015 foram acessas em Berlim 1933, e antes, na “Marcha sobre Roma” em 1922; as montanhas de mortos do negacionismo de 2021 no Brasil se iluminam à luz das tochas acessas de Berlim em 1933, em Roma em 1922, em Dortmund 2015 e nas eleições brasileiras de 2018. Tais eleições, no Brasil, em *corsi et ricorsi*, irmana-se na ilustração significativa da camiseta de um invasor do Capitólio (em 06 de janeiro de 2021) que estampa: “Camp Auschwitz” e nos eventos de 1922, 1933, 2015 e 2018, a “longue durée”. Não só datas, são “tempos” da estruturação do genocídio Yanomami em 2023 e das ameaças golpistas, seja na Alemanha em 2022, seja no Brasil em 2022 e 2023^{xliv}. A história yanomami guarda, também, estes tempos diversos onde se inscreve o genocídio: desde os primeiros exploradores da Amazônia, passando pelas conjunturas da construção do Estado Nacional brasileiro até as invasões, destruições, sequestros, estupros, a febre e a fome que compõe a vida diária, hoje, dos Yanomami.

Nenhuma narrativa que aponte para a máquina de matar que se constitui na longa duração, selando o destino das pessoas, pode desculpar a “intenção” imediata de infringir dor ou o abandono. Na verdade, não se morre/morreu-se de covid-19, fome ou febre na longa duração do tempo yanomami. É no imediato do tempo do “Jetztzeit”, ainda com Benjamin, que os genocídios ocorrem. É esse procedimento metodológico específico da História do Tempo Presente que foram denominados de “enlaces” estruturantes das relações presente/passado. São, por sua vez, os “enlaces nos enlaces”, profundos, que constroem os temas História do Tempo Presente. Assim, o “Tempo Presente” não é uma “cronologia” ou uma “periodização” nova no âmbito das contemporaneidades, aposta a uma fase mais próxima de nós. Não falamos de cronologias baseadas em “escalas móveis” de um tempo linear ou um evento espetacular que solitariamente mude a História^{xlv}. A matéria-prima do tempo presente é bem mais o que Pieter Lagrou chamou de “sequelas e o pânico moral na História em face dos temas difíceis ou traumáticos”, e que se tornaram, por vezes, paralisantes e, mesmo, óbices à pesquisa histórica^{xlvi}. Tão paralisantes que por vezes escaparam do debate acadêmico entre pares ou do papel da divulgação científica em mídias especializadas para ocupar as salas dos tribunais, como nos casos da

historiadora americana Deborah Lipstadt que em 1996, e sua editora *Penguin Books* foram processadas por difamação, no Reino Unido, pelo escritor britânico negacionista do Holocausto, David Irving. Ou a presença do próprio François Bédarida no processo do genocida colaboracionista Maurice Papon. O “Affaire Papon” foi um grande escândalo político, judicial e histórico na França, levando ao julgamento, em 1998, por crimes contra a humanidade. Maurice Papon, um alto funcionário do governo de Vichy, no silêncio do negacionismo pós-1945, construiu uma trajetória de alto nível na burocracia policial e de segurança francesa até ser denunciado através da pesquisa em documentos históricos^{XLVII}. Entre 2000 e 2022 foram documentadas nos Estados Unidos 1.080 tentativas de sanção e punição de professores por declarações ou conteúdos ministrados em sala de aula, e quase dois terços delas resultaram em algum tipo de sanção (698 de 1.080, ou 65%). Isso inclui 225 demissões, das quais 60 delas envolveram professores titulares^{XLVIII}. Infelizmente, também no Brasil professores – em especial de História – são perseguidos desde o ensino básico até a universidade por ministrar conteúdos considerados contrários aos valores cristãos, brancos e heteronormativos. O campo de estudos do Tempo Presente tornou-se, assim, um território minado e o ofício do Historiador, bem como a liberdade de cátedra, foram colocados em risco.

A relação entre a ressurgência do fascismo, em avanço em vários países da Europa, na América Latina e nos Estados Unidos informa e autoriza a perseguição de pesquisadores e historiadores, tornando claro as imposições críticas e a responsabilidade inerente ao ofício do Historiador, comprovando, também em tais eventos, a relação, os enlaces, do presente-passado. Com certeza, o “tempo” do Tempo Presente não é linear e, tão pouco, um tempo estabelecido numa “escala móvel” de periodização de épocas da História. O “tempo” no campo do Tempo Presente é derivado do objeto construído pelo historiador e é um resultado, na abordagem do objeto, dos enlaces do presente em direção ao passado, daquilo que constrói a matéria do compreensível^{XLIX}. A proposta da História do Tempo Presente traria uma revolução de paradigmas na medida em que não só aponta a diversidade das fontes de análise, mas produz novos caminhos para as leituras das fontes já tradicionalmente conhecidas nos arquivos públicos, valorizando a multiplicidade dos tempos históricos. Como na antropologia, torna-se impossível extrair o observador do que é observado. Por isso, o historiador do tempo presente não está apenas lidando com sobreviventes, mas, como afirmou, ainda, Pieter Lagrou, ele é um deles^L. Lagrou está correto ao afirmar que a reflexão sobre o campo da memória não é um subproduto da História, em especial da História do Tempo Presente, mas parte integrante daqueles que trabalham com a própria História^{LI}. É nessa relação que o historiador do Tempo Presente renuncia ao seu “exclusivismo” da especialidade histórica para aceitar que a História é sempre “pública”, polifônica, e que está imersa num jogo de identidades e memórias diversas, flutuantes e combativas. A experiência do pesquisador e seu apego ao método rigoroso é o único recurso na construção de um idioma universal através do qual todos possam dialogar^{LII}.

Retomemos aqui as palavras de François Bédarida: “É exatamente a união e interação entre o presente e o passado em que reside a inovação maior em que se baseia a construção do IHTP [Instituto de História do Tempo Presente]”^{LIII}. Ou seja, retomando Marc Bloch, não estamos trabalhando com um período “novo” da História Contemporânea, mas

com um novo método de “interação”, especialização e de abordagem da História. Não por acaso, que historiadores “clássicos”, como Ernest Labrousse e Arnaldo Momigliano, apoiaram, desde logo, a emergência do “Tempo Presente” como campo de atuação do historiador, denominado por este último de *“l’histoire retrouvée”* – uma presença reencontrada da história de Bloch com o historiador, depois de tantas ausências.

Podemos exemplificar esse o “cruzamento” presente-passado através da análise do 6 de janeiro de 2021, quando uma multidão, motivada por “paixões mobilizadoras” no dizer de Robert Paxton, invadiu violentamente o prédio do Capitólio em Washington. O 6 de janeiro de 2021, nos Estados Unidos, aponta, por sua vez, e, em parte explica, o 8 de janeiro de 2023, quando uma outra multidão destruiu os palácios da República na Praça dos Três Poderes em Brasília. Em ambos os casos o passado era a referência dominante dos participantes de ambos os eventos: em Washington, em 2021, o passado recuperado era a mítica nazista expressa em símbolos, bandeiras e signos. Em Brasília, em 2023, os ícones, bandeiras e faixas apontavam para 1964, o golpe instaurador da ditadura militar no Brasil. Podemos, ainda, relacionar as ações, bandeiras e programas, por exemplo, das milícias norte-americanas – de existência já durável na vida política americana – e que se organizaram para o 06/01/2021 no Capitólio através das redes sociais – com a Marcha de Tochas dos neonazistas de Dortmund em 2015 e, antes, com as Marchas de Tochas de Berlim de 1933 – e estas com a “Marcha sobre Roma” em 1922 – e o 8/01/2023 em Brasília, por sua vez, se inspira num passado que parecia estar no espaço do “vivido” e não do “vívido”.^{LV} E, pois, a relação de todos esses eventos com as eleições brasileiras de 2018 no sentido que 8/01/2023 está contido em 2016, o impeachment de Dilma Rousseff, e em 2018, a vitória do bolsofascismo.

Figura 3: Robert Keith Peirce fotografado durante a invasão do Capitólio vestido com camiseta do “Campo de Auschwitz”



Fonte: NBC News, 2021^{LV}.

Washington, Capitólio, 06/01/2021: vários grupos de extremistas de Direita, supremacistas brancos e milicianos de organizações neonazistas invadiram e depredaram a sede do Poder Legislativo americano. Um destes milicianos neonazistas usava uma camiseta que ostentava, além da denominação “Camp Auschwitz” – um dos locais mais brutais de extermínio na Segunda Guerra Mundial – continha uma citação também nazista. O militante Robert Keith Peirce durante a invasão do Capitólio com a camiseta-documento estampada “Camp Auschwitz”, com a caveira e os ossos cruzados – mais uma vez a assunção da pulsão de morte –, e o lema dos campos de concentração “Arbeit Macht Frei”/A Liberdade Liberta, como elo/enlace/conexão presente-passado, muito popular entre todo o ecossistema das Extremas Direitas e do Fascismos numa, explicitando a longa duração do fascismo, desde 1922, com a “Marcha sobre Roma” até 2023 em Brasília.

Ao historiador cabe a crítica, e a responsabilidade, de realizar os enlaces entre fenômenos, só aparentemente, distantes no tempo e no espaço, como um processo “transhistórico” único^{LVl}. Só uma leitura não-historicizante pode realizar os enlaces necessários para criar esse idioma comum da história do arbítrio e da tirania, reunindo fenômenos dispersos no tempo/espaço, provendo uma leitura de “mitos, signos e emblemas” – tochas, bandeiras, uniformes, camisetas, palavras de ordem etc. – que pode nos fazer entender, por exemplo, a unicidade do fenômeno fascista numa longa duração. Neste caso, a “camiseta” do depredador do Capitólio – estampando “Camp Auschwitz” –, do militante extremista de Washington, adquire um significado transcendental de elo entre épocas, permitindo o enlace entre cinco eventos: a “Marcha sobre Roma”, dos fascistas italianos em 1922; as Marchas de Tochas de Berlim, 1933, que resultaram nos campos de extermínio, entre eles o nomeado “[Camp] Auschwitz”; a Marcha de Tochas de Dortmund, em 2015, da Ressurgência fascista [nazista], repetindo odioso temas exterminacionista e antisemitas e a Invasão do Capitólio, em 06/01/2021, com as Milícias supremacistas brancas antisemitas – onde aparece a camiseta-documento do militante antisemita, o “signo” que faz o enlace/elo dos diversos “tempos” – e os repetidos sinais de emulação nazista do Governo Bolsonaro, como o “quinto tempo”, com seu paroxismo em 8/01/2023^{LVII}.

O conjunto de tais “enlaces”, do presente para o passado, no dizer de François Bédarida, deslanchados aqui a partir do signo/enlace/elo “camiseta-documento Camp Auschwitz”, constitui-se em uma abordagem chave dos estudos-tipo do Tempo Presente e permite, desta forma, a reconstituição, nos tempos diversos e nas suas diversidades nacionais e históricas, do ecossistema da Extrema-Direita fascista na longa duração – da Marcha sobre Roma”, em 1922, até o Golpe falhado de 08/01/2023 em Brasília. Tais “interações”, como propõe Bédarida, são o próprio material da História. Trata-se, ainda, de um fiel retorno a Marc Bloch, um olhar prescrutador do historiador – *“l’attention particulière que j’ai accordée, dans mes travaux, aux choses rurales a achevé de me convaincre que, sans se pencher sur le présent, il est impossible de comprendre le passé”*^{LVIII}. Estamos, desta forma, perante uma metodologia, jamais em face de uma cronologia, e nunca de uma periodização baseada em uma “escala móvel”, segmentando o contemporâneo. O campo do Tempo Presente constrói sua própria periodização, a partir dos enlaces entre o presente e o passado expostos pela pesquisa histórica, que emergem da definição do tema, sem ser um tempo constante ou externo ao próprio objeto da pesquisa.^{LIX}

Notas de fim

^I Este texto é, em parte, uma síntese, com alguns pontos novos, dos capítulos I, II e III páginas 17/57 do nosso livro “Como Não Fazer Um Golpe de Estado no Brasil”, Editora Edupe/UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.

^{II} USA. FINAL REPORT OF THE SELECT COMMITTEE TO INVESTIGATE THE JANUARY 6TH ATTACK ON THE UNITED STATES CAPITOL. Washinton, 22/12/2022. In: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/GPO-J6-REPORT/pdf/GPO-J6-REPORT.pdf>, consultado em 13/06/2026 e Teixeira Da Silva, Francisco C. e Schurster, Karl. Como Não Fazer Um Golpe de Estado No Brasil. Rio de Janeiro/Recife, Edupe/Editora da UFRJ, 2023.

^{III} Teixeira Da Silva, Francisco C. **O Discurso de Ódio**: análise comparada das linguagens dos extremismos. Revista Nuestra América, Volume 7, número 13, enero-junio, 7 (13): 45-64.

^{IV} Nolte, Ernst. **Die faschistischen Bewegungen**: Die Krise des liberalen Systems und die Entwicklung der Faschismen. Munique, DTV, 1966. Nesta obra, anterior às polémicas envolvendo o autor e seus críticos, inclusive Jürgen Habermas, Nolte discute a possibilidade das diversas formas de fascismos, inclusive os chamados “clérigo-fascismos” ibéricos e as distinções entre fascismo e ditadura na América Latina.

^V Teixeira Da Silva, Francisco C. e Schurster, Karl. **Passageiros da Tempestade**. Conservadores, Reacionários e Fascistas. Recife, Editora CEPE, 2022, p. 81 e ss.

^{VI} Ver Febvre, Lucien. **Combates por la História**. Barcelona, Planeta (1953), 1993, parte II.

^{VII} Bloch, Marc. **Apologie pour l'histoire**, ou **Métier d'historien**. Paris, Armand Colin (1949), 1993, p. 60 e ss.

^{VIII} Paxton, Robert. **The Anatomy of Fascism**. Nova York, Alfred Kopf, 2004, em especial pp. 283 e ss.

^{IX} Entendemos a questão da “*synthese historique*” conforme colocada pelo filósofo e historiador Henri Berr (1863-1954) em duas obras maiores: *La Synthese en Histoire. Essai critique et théorique*, Paris, Félix Alcan, 1911 e *L'Histoire traditionnelle et la Synthèse historique*. Paris, Félix Alcan, 1921, onde sob influência direta de Karl Marx e Emílio Durkheim, buscou abandonar a história factual corrente na academia, de cunho positivista, bem como o historicismo alemão. Seu interesse era a superação da mera narrativa histórica, de cunho factual, e a adoção de uma síntese histórica que uniria a pesquisa histórica rigorosa, de base arquivística, com a filosofia, buscando causas gerais – fuga do historicismo particularista – dos eventos da História. Desta forma, Berr, numa verdadeira revolução metodológica, trouxe a História para o campo das ciências sociais – como vinha se organizando desde as primeiras publicações de Durkheim – e abriu caminho para a chamada “École des Annales”, estabelecendo o diálogo com os demais campos científicos como a sociologia, a economia, a psicologia e a ciência política, e admitindo a possibilidade de formulação de leis gerais para o processo histórico.

^X Para Marc Bloch (1886-1944), conforme a epígrafe deste texto, o tempo é indissociável na sua relação presente-passado-presente: “...a incompreensão do presente nasce inevitavelmente da ignorância do passado, mas o inverso também é verdadeiro”. O historiador deve, no seu ofício, utilizar sua compreensão do presente para interrogar melhor os vestígios do passado. Ver: Bloch, Marc. **Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien**. Paris, Armand Colin, 1949, pp.12 e ss.

^{XI} Teixeira Da Silva, Francisco C. (Org.) **Dicionário Crítico do Pensamento da Direita**. Rio de Janeiro, Mauad, 2000. Em especial a Introdução, pp. 11-21.

^{XII} Os fascismos históricos não chegaram ao poder – na Itália, Portugal, Espanha, Alemanha ou Polônia – de forma democrática, embora tenham se utilizado das instituições liberal-representativas para socavar a legalidade. Na maioria dos casos estudados precisaram do apoio das forças conservadoras, militares e religiosas para a “tomada do poder” ou mesmo de uma guerra civil aberta (como na Espanha) ou encoberta (como no Japão). Em todos os casos deu-se um “processo de fascistização” mais ou menos longo. Ver Poulantzas, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. Porto, Editora Portucalense, 1972, p. 10 e ss.

^{XIII} Para uma definição, e distinção, das variações político-ideológicas no campo das Direitas – Reacionários, Conservadores e Fascistas – ver: Teixeira Da Silva, Francisco C. (Org.). **Dicionário Crítico do Pensamento de Direitas**. Op. Cit., pp. 11-15.

^{XIV} BBC. Qué es la ideología libertaria y qué tanto se adhiere Javier Milei a ella, 10/12/2023. In: <https://www.bbc.com/mundo/articles/c19l9k4j9g4o>, consultado em 16/06/2026.

^{XV} Bédarida, François. **Histoire, Critique et Responsabilité**. Paris, IHTP/CNRS, 2003, em especial p.23 e ss.

^{XVI} Freud, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro, Imago, (1930), Imago, V. 21, 1974, p. 52 e ss.

TEMPO PRESENTE E FASCISMOS: UMA QUESTÃO DE MÉTODO.

SILVA, F. C. T.

^{xvii} O conceito de “Durcharbeit” ou (per)laboração é tratado como um Processo Clínico e dinâmico pelo qual o paciente em análise supera as suas próprias resistências inconscientes após estas terem sido identificadas e interpretadas pelo analista. Ver Freud, Sigmund. **(1937-1939) – Obras Completas V. 19**, São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

^{xviii} Butler, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (2009), 2015, p. 28 e ss. Um exercício interessante sobre o apagamento e sua dimensão político-social nos remete a brutal matança ocorrida em 28 de julho de 2025 no bairro da Penha, Rio de Janeiro, resultando na morte de 122 jovens. Um deles, Yago Ravel, 19 anos, com o cabelo tingido de vermelho, foi degolado e sua cabeça pendurada numa árvore. O governado do Rio de Janeiro, de imediato, recusou qualquer investigação e mesmo negou o ato de degola. O GLOBO. ‘Ninguém acredita que o policial tenha cortado a cabeça do bandido’, disse Castro sobre megaoperação no Alemão e na Penha, 17/11/2025, <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/11/17/ninguem-acredita-que-o-policial-tenha-cortado-a-cabeca-do-bandido-disse-castro-sobre-atuacao-da-policia-na-operacao-do-alemao-e-penha.ghtml>. Consultado em 28/06/2026. Assim, o poder determinava quem morreu, como morreu e quem matou, interpondo-se a construção da memória do massacre ao negar imediatamente o que foi feito de bárbaro na ocasião. Ravel tornou-se, assim, um corpo não-lembrado e de imediato um corpo invisível.

^{xix} Sartre, Jean-Paul. **L’être et le néant**: Essai d’ontologie phénoménologique, Paris, Galimard, Paris [1943], 2014, Capítulo II, p. 83 e ss.

^{xx} Agência Brasil. Ministério repudia ação da PM por causa de desenho de orixá em escola, 19/11/2025. In: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-11/ministerio-repudia-acao-da-pm-por-causa-de-desenho-de-orixa-em-escola>, consultado em 26/06/2026.

^{xxi} Folha de São Paulo. Estátua de Borba Gato é incendiada em SP, 22/07/2021. In: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/estatua-do-bandeirante-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo.shtml>, consultado em 26/06/2026.

^{xxii} UOL. Orixá: vídeo com tenente acusando diretora de ‘ditar ideologia’ viraliza, 24/06/2026. In: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2026/06/24/pm-que-entrou-em-escola-acusa-diretora-de-ditar-ideologia-em-sp.ghtm?cmpid=copiaecola>. Consultada em 26/06/2026. A fragilidade da escola, de museus e galerias de arte hoje no Brasil – constantemente sob a ameaça de invasões e imposições, inclusive armadas – de narrativas supremacistas brancas, explicita bastante bem o avanço do negacionismo.

^{xxiii} Sándor Ferenczi (1873-1933) contribuiu de forma decisiva para a construção da teoria social do trauma, buscando compreender o trauma como processo no coletivo, seja em ambientes familiares ou de grupo. Ver Ferenczi, S. Sprachverwirrung zwischen den Erwachsenen und dem Kind: Die Sprache der Zärtlichkeit und der Leidenschaft. Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse (1933), 19:5-15.

^{xxiv} Cécile, Gonçalves. Histoire du Temps présent, Sources orales, Témoins, Passé proche, Rôle social de l’historien. Coimbra: Revista Estudos do Século XX, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

^{xxv} Freud, Sigmund. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, Vol. XX (1926), 1976, Item IV, p. 23 e ss.

^{xxvi} Croce, Benedetto. **Zur Theorie und Geschichte der Historiographie**. Tübingen, JCB Mohr, 1915, p.4 e ss.

^{xxvii} Idem, ibidem, pp. 8-9.

^{xxviii} Afiero, Massimiliano. 3rd Waffen-SS Panzer Division “Totenkopf”, **1943-1945: An Illustrated History**, Vol. 2, Atglen/Pensilvânia, 2018.

^{xxix} Para o detalhamento das características dos Fascismos ver: Teixeira Da Silva, Francisco C. et alii. **Dicionário Crítico dos Fascismos**. Recife, Edupe, 2025 – trata-se de uma “obra aberta”, podendo ser baixada no sítio eletrônico da Editora Edupe.

^{xxx} Em alguns casos há um temor tão grande em utiliza o conceito de “(neo)fascismo” que os autores criam formas gongóricas como “... a extrema-direita da extrema-direita”, além dos neologismos e figuras de linguagem, como a catástrofe para diminuir o impacto do texto, como no caso acima – que no seu conjunto produz uma boa análise do extremismo de Direita –, ou a sinédoque, ou mesmo como nomeador do conjunto do fenômeno, a metonímia. Assim, uma característica do fascismo – seu caráter de movimento de massas – vale a metáfora de “Populismo de Direita” ou seu extremo nacionalismo, leva a denominação do fenômeno como “Ultranacionalismo”. Em todos os casos uma parte característica do fascismo é elevada a condição de “nomeador” do conjunto do sistema fascista, garantindo-se, assim, a não nomeação real do fenômeno.

- Ver como exemplo: UOL. "Direita da América do Sul ainda fica à esquerda da direita brasileira", 27/06/2026. Em <https://noticias.uol.com.br/colunas/a-hora/2026/06/27/direita-da-america-do-sul-ainda-fica-a-esquerda-da-direita-brasileira.ghnm?cmpid=copiaecola>, consultado em 28/06/2027. É neste texto que aparece a expressão "no extremo-extremo temos a extrema-direita". Ora, na verdade, à Direita da Extrema-Direita é o fascismo.
- XXXI Ver De Felice, Renzo. **Il fascismo: le interpretazioni dei contemporanei e degli storici**. Roma, Laterza, 1970.
- XXXII Ricouer, Paul. **The conflict of interpretations: Essays in Hermeneutics**. Northwestern University Press, 2007.
- XXXIII Marrou, Henri. **The meaning of history**. Helicon, Ex-library/stated first Edition, 1966, pp. 22 e ss.
- XXXIV Para esse debate ver: Graeber, David e Wengrow, David. **O Despertar de Tudo: Uma Nova História da Humanidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.
- XXXV Teixeira Da Silva, Francisco C. **Como Não Fazer Um Golpe de Estado No Brasil....** Op. cit. P. 22 e ss.
- XXXVI Chul Han, Byung. Op. Cit., p. 87 e ss.
- XXXVII Dentre tais exceções devemos citar: Elíbio, Antônio et alii. **História do Tempo Presente: uma história em debate**. Recife, Autografia/Edupe, 2019.
- XXXVIII Schurster, Karl. **O fenômeno Nazi e a historiografia do Tempo Presente**. Recife, Autografia/Edupe, 2017.
- XXXIX Ver em especial Schurster, Karl; Moraes, Alana. Disputas historiográficas acerca do Nazismo e do Holocausto. In: Revista Locus, Revista De História 26 (2):386-406. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.30669>. 9
- XL Soulet, Jean-François. *Histoire Immediate*. Paris, Armand Colin, 2012.
- XLI Portelli, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). In: Moraes, Marieta; Amado, Janaína. **Usos e Abusos da História**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- XLII Casa Nova Maia, Vera e Lucia. *Arquivos da Pandemia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2020.
- XLIII Chul Han, Byung. Op. Cit., p. 91 e ss.
- XLIV Ver Teixeira Da Silva, Francisco C. Revoluções Conservadoras, Terror e Fundamentalismo: regressões dos Indivíduos na Modernidade. In: Teixeira Da Silva, Francisco C. **O Século Sombrio**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004, pp. 123-191.
- XLV Bédarida, François. **Histoire, Critique et Responsabilité**. Paris, IHTP/CNRS, 2003, em especial p.23 e ss.
- XLVI Lagrou, Pieter. **Mémoires patriotiques et l'occupation nazie**. Paris, CNRS/IHTP, 2003, p. 139 e ss.
- XLVII "According to a comprehensive report on academic freedom by the Foundation for Individual Rights and Expression, roughly 43% of attempted sanctions against scholars since 2000 relate directly to their teaching practices or research inquiries into highly charged social and political topics". Ver FIRE USA. Scholars Under Fire: Attempts to Sanction Scholars from 2000 to 2022. In: <https://www.fire.org/research-learn/scholars-under-fire-attempts-sanction-scholars-2000-2022> consultado em 28/06/202.
- XLVIII UOL. Aula com mitologia gera demissão de professor em SP: 'Fui acuado e exposto'... 14/05/2025. In: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/05/14/aula-com-mitologia-gera-demissao-de-professor-em-sp-fui-acuado-e-exposto.htm?cmpid> e AGÊNCIA NACIONAL. Violência e censura afetam nove em cada dez professores brasileiros, 06/12/2025. In: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-12/violencia-e-censura-afetam-nove-em-cada-dez-professores-brasileiros>. Consultado em 28/06/2026. Ver ainda, no nosso próprio caso: REVISTA PIAUÍ. O Pesadelo de Volta: um historiador da ditadura é processado por um general, 02/02/2026. In: <https://piaui.uol.com.br/revista/233/professor-general-ditadura/>. Consultado em 28/06/2026.
- XLIX Voldman, Daniele. **Définitions et usages**. Les Cahiers de l'IHTP, n. 21, p.33-53, nov. 1992.
- ^L Lagrou, Pieter. De l'actualité du temps présent. In: L'histoire du temps présent, hier et aujourd'hui, Bulletin de l'IHTP n° 75, juillet 2000.
- ^{LI} Idem.
- ^{LII} O grande número de historiadores punidos pela Ditadura Militar de 1964-1985 no Brasil atesta a extensa inserção dos historiadores brasileiros, avant la lettre, no espaço público para o debate das relações presente-passado. Assim, Maria Yedda Linhares, Eulália Lobo, Manoel Mauricio de Albuquerque, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, além de cientistas sociais como Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, foram todos alvos da repressão ditatorial exatamente por entender a História, e as demais ciências sociais, muito antes de 1970, como uma prática social exercida no espaço público, com responsabilidade crítica, mantendo um diálogo permanente com os diversos setores da sociedade.
- ^{LIII} Bédarida, François. Op. cit, p. 49.
- ^{LIV} Ver: Neonazi im Dortmund. In: <https://www.tagesspiegel.de/politik/neonazis-in-dortmund-die-braune-suppe-im-pott/11343966.html>, 08/02/2015/ consultado em 21/04/2021.

^{LV} Li, D. K.; WALTERS, S. Man in 'Camp Auschwitz' shirt, photographed at U.S. Capitol riot, arrested. *NBC News*, 13 jan. 2021. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/us-news/man-camp-auschwitz-shirt-photographed-u-s-capitol-riot-arrested-n1254070>. Acesso em: 27 ago. 2026.

^{LVI} Ginzburg, Carlo. **História Noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

^{LVII} A caracterização do bolsofascismo num constructo fascista não se trata tão somente da absurda afirmação de Bolsonaro sobre o Holocausto ou da sua insistência em classificar o Nacional-socialismo como um movimento de “esquerda”, mas da atuação concreta de funcionários e políticos do governo, como, por exemplo, a cópia de discursos de Goebbels ou a sinalização, em pleno Senado Federal com gestos típicos da Supremacia Branca, em ofensa e desafio aos básicos princípios dos Direitos Humanos da Constituição. Da mesma forma, o uso público por parte do Presidente da República do “copo de leite”, um signo claro dos supremacistas brancos, seu racismo declarado e sua intenção de “levar toda a Esquerda para a Ponta da Praia” – em alusão a um cemitério clandestino da Ditadura Militar. Ver: Valor Econômico. Secretário da Cultura é demitido após citações nazistas. In: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-da-cultura-devera-ser-afastado-apos-discurso-semelhante-ao-de-goebbels>. Consultado, em 22/04/2021 e Brasil de Fato. Cinco vezes que Bolsonaro, ou pessoas ligadas a ele, recorreram a símbolos nazistas, 21/03/2020. In: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/cinco-vezes-que-bolsonaro-ou-pessoas-ligadas-a-ele-recorreram-a-simbolos-nazistas>, consultado em 22/04/2021 e Congresso em Foco. Entenda o gesto feito por assessor de Bolsonaro e sua relação com o racismo, 21/03/2021. In: <https://congressoemfoco.uol.com.br/midia/simbolo-ok-racista-extremista-supremacista/>, consultado em 22/04/2021.

^{LVIII} Marc Bloch (1886-1944) refere-se aqui a sua vasta produção de trabalhos sobre a História Agrária que medieval e moderna, a maior parte de cunho comparativista, que realizou, de forma original, junto com Lucien Febvre e André Piganiol na Universidade de Strasbourg, nos anos de 1920. Em 1931 defende sua tese de doutorado – “*Les Caracteres Originoux de la Civilización Rurale Française*”, obra de forte impacto para formação do campo da História Agrária em todo o mundo, embora já então se faça sentir o clima antissemita reinante na França (como na barreira a sua entrada no *Colège de France*). Em 1929 funda com o amigo Lucien Febvre a revista “*Annales*”, que terá fortíssimo impacto renovador sobre toda a História profissional no Mundo, e abre as portas para a “*chair*” de História Econômica na Sorbonne sucedendo a Henry Hauser. Com a invasão da França e a publicação do Estatuto dos Judeus pelo Regime de Vichy, de 3/10/1940, Marc Bloch perde seu cargo na Sorbone, é obrigado a migrar para o sul – quando escreve “*A Estranha Derrota*” – e por fim passa para a Resistência. Preso e torturado pela Gestapo, é fuzilado em 16 de junho de 1944, junto com outros 27 resistentes.

^{LIX} Bloch, Marc. **L’Étrange Défaite**. Paris, Éditions Franc-Tireur, 1946, p. 5.